

O SIGNO E O VALOR LINGÜÍSTICOS EM SAUSSURE: UMA LEITURA REFLEXIVA POSSÍVEL

Geraldo José da Silva (UEMS/UFRGS)
gera.silva@terra.com.br

1. Introdução

Por que ler, estudar e discutir Saussure hoje? Mesmo respeitando aqueles que acham desnecessária tal empreitada, por se filiarem às outras abordagens de estudo da língua/linguagem, pensamos ser oportuno e fundamental a leitura da teoria do genebrino, visto que é perceptível a contribuição saussuriana para as ciências humanas nas mais diferentes áreas no mundo contemporâneo. A leitura aligeirada do *Curso de Linguística Geral* nos cursos de letras, por vezes, apenas centrada nas dicotomias, carece de um olhar mais epistêmico. Por se tratar de uma obra inacabada e pela riqueza de suas proposições que provocam tantas controvérsias, fazemos coro a Normand (2009) para apresentar mais uma leitura possível de dois aspectos apresentados no *Curso de Linguística Geral*, enfatizando os conceitos referentes ao signo linguístico e ao valor do signo linguístico.

Mesmo com as hesitações do linguista suíço na construção de sua teoria, sua obra não perde o caráter de robustez conceitual tão necessário aos estudiosos da língua/linguagem/linguística de todas as épocas. Sendo o *Curso de Linguística Geral* uma obra editada pelos discípulos de Saussure e que o verdadeiro pensamento do teórico suíço sofre cortes e interpretações dos editores Sechehaye e Bally, achamos pertinente o exercício reflexivo empenhado. Tal é sua grandeza que tem recebido inúmeras críticas, as quais respeitamos, mas que não desmerecem a iniciativa e o trabalho para a Linguística até os nossos dias.

Muitas seriam as justificativas para a realização desse trabalho, mas preferimos eleger a necessidade de rever aspectos nucleares centrados no *Curso de Linguística Geral*, principalmente no que se refere à questão do signo linguístico e do valor linguístico.

Nossa hipótese é que, mesmo considerando as hesitações de Saussure ao instaurar uma ‘ciência nova’, ou seja, a semiologia, sua teoria marcou época. O autor afirma que essa ciência estuda a vida dos signos no seio da vida social e ensina em que consistem os signos e que leis os regem. O teórico suíço sente a necessidade de mostrar ao linguista o que

ele faz. Com isso, ele convoca os linguistas do seu tempo a repensarem os seus métodos de análise. Era preciso firmar o *Estado da Arte* da linguística como ciência. Essa tarefa lhe rendeu adeptos e adversários.

Considerando a gama de estudos sobre Saussure, sobre o *Curso de Linguística Geral*, elegemos com aporte teórico autores como Colombat et al. (2010), Normand (2009) para subsidiar as nossas discussões. Vale lembrar que o presente artigo não tem a pretensão de dar conta de toda a abordagem em torno de Saussure e do *Curso de Linguística Geral*, mas que procura refletir conceitos legados por esse teórico que não podem deixar de ser pauta aos estudiosos das letras e da linguagem.

Frente a tantas possibilidades que o tema oferece, nos limitamos a refletir a questão do signo e do valor linguísticos em Saussure. Portanto, esse artigo objetiva mostrar a validade da leitura e da reflexão que pode ser suscitada a partir de aspectos fundamentais da teoria saussuriana. Dada à complexidade que o tema imprime, encaminhamos nosso trabalho focalizando, num primeiro momento, impactos de recepção de Saussure e do *Curso de Linguística Geral*, em seguida, tratamos dos núcleos geradores de discussão, a saber: do signo linguístico e do valor linguístico a partir da obra *Curso de Linguística Geral*.

2. *Fundamentação teórica*

2.1. *Saussure e o Curso de Linguística Geral: situando impactos de recepção*

Para se falar de Saussure e do *Curso de Linguística Geral* hoje é preciso, antes de tudo, ter a noção de que estamos diante de mais uma possibilidade de leitura dada à complexidade de sua teoria. Dessa forma, faz-se necessário um recorte para não incorrer em esquecimento de conceitos apontados pelo teórico suíço. Normand (2009) lembra que a mistura de proposições, de afirmações insistentes e de incertezas, novidade de um pensamento e as dificuldades de elaborá-lo e de se fazê-lo entender giram em torno do *Curso de Linguística Geral* devido às particularidades de sua publicação.

Avançando nosso percurso, destacamos a validade da contribuição de Colombat et al (2010) quando eles se questionam ‘como tem sido historicamente a recepção na França do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure’ em seu texto *Historie des idées sur le language et les langues*. Os autores argumentam que, na primeira recepção, tem

lugar o momento da publicação do *Curso de Linguística Geral*. Destacam que Albert Sechehaye, psicologista, antes de tudo, publica em 1917 na *Revue Philosophique* um compêndio de 30 páginas com conceitos de Saussure numa tentativa de fazer ressoar e sustentar a obra. Primeiro, ele desobstrui em particular a importância de um conjunto de noções geralmente ignoradas nos relatórios e compêndios da época: valor– diferença– oposição– arbitrariedade relativa. Ele conclui de maneira mais clara que todos seus contemporâneos que “a ciência da língua será uma ciência dos valores”. Destaca Saussure como fundador do projeto da “aventura semiológica”.

Os autores registram que a segunda recepção se desenvolve a partir de 1920, notadamente no primeiro Congresso Internacional dos Linguistas de Haya, 1928, em que o *Curso de Linguística Geral* aparece como ponto de apoio, alavanca de inovação da linguística. As ideias saussurianas são difundidas por André Martinet, como correspondente do Círculo de Praga em Paris. Além de Martinet, Georges Gougenheim, Gustave Guillaume e Robert Léon Wagner demonstram boa recepção do *Curso de Linguística Geral*, mesmo que de maneira indireta (pelo Círculo de Praga) e pelo quadro da linguística entre-guerras (linguística psicológica de Brunot, Damourette e Pichon), ligados às questões de pensamento e linguagem. Na *Acta Linguística: Revue de Linguistique Structurale*, fundada em 1939, nota-se uma série de artigos sobre o signo saussuriano e sua arbitrariedade. Isso mobiliza gramáticos, linguistas, semiólogos e filósofos.

Já a terceira recepção, via esse movimento de difusão se prosseguir fora do estrito círculo de linguistas, sobretudo depois da segunda guerra, o *Curso de Linguística Geral*, tornou-se propriedade comum dos linguistas, dos sociólogos, dos antropólogos, dos filósofos. Na revista *Word*, publicada em New York em 1945, acha-se artigos de Jakobson e Lévi-Straus, enquanto que o filósofo alemão Ernest Cassier consagra a primeira denominação geral do estruturalismo (*Structuralism in Modern Linguistic*). Colombat et al (2010) argumentam que é sem dúvida o filósofo Maurice Merleau-Ponty que aposta na França a primeira representação de papéis nos anos 50: um papel de mediador entre Lévi-Straus, Jakobson e Lacan notadamente quando de sua aula inaugural no *Collège de France*.

Colombat et al (2010) destacam que, na quarta recepção, com os trabalhos de Robert Godel (1957) sobre as fontes manuscritas do *Curso de Linguística Geral*, com a edição crítica adquirida por Rudolf Engler e

com a edição crítica de Tulio de Mauro, foram iniciadas as pesquisas filológicas que buscam o retorno à verdade do pensamento saussuriano. Sumariamente essas quatro fases sublinham a complexidade da recepção de Ferdinand de Saussure na França. Acrescentam os autores que, apesar de dez anos de ensinamento de Saussure em Paris, as ideias do *Curso de Linguística Geral* ficaram muito tempo marginalizadas.

Somando aos informes acima, Normand (2009, p. 15-22) acrescenta um questionamento sobre Saussure na década de 70 pelo que ele foi e apresentou como reflexão no campo da linguística, aclamado por uns e negado por outros. Destaca o livro de J. L. Galvet, *Pro e contra Saussure* cuja capa trazia manifestação em que se opunham bandeiras – “Viva Saussure”, “Abaixo Saussure” e, bem grande, “Pela linguística social!”, uma efervescência ininteligível para a atual geração de linguistas. Destaca que, para os linguistas, Saussure era bem conhecido como estudioso da gramática comparativa, precocemente falecido que deixou uma obra inacabada.

A autora lembra que o mestre não escreveu o *Curso de Linguística Geral* e o que se tem é organizado por seus discípulos. Até hoje se descobrem cadernos inteiros de notas ou esboços, desordenados, corpos desmembrados de uma escrita lacunar de rasuras e repleta de brancos. O *Curso* de 1916 é designado como a ‘vulgata’, termo tornado banal que testemunha a sagração do processo. Mesmo assim, Saussure permanece, ao menos na tradição linguística francesa, uma passagem obrigatória.

A autora comenta que Saussure não inventou a expressão ‘linguística geral’, sabe-se que o curso que ele foi encarregado em Genebra assim se intitulava. A expressão era corrente na época. Sentia-se a necessidade de uma ciência geral das línguas que fosse vista dentro do modelo das ciências da natureza. A linguística geral existe porque aparecem, antes e depois de 1916, trabalhos de síntese que remetem ao objeto linguagem e se esforçam por fazer a relação entre a diversidade de descrições de línguas e a unidade de uma teoria da linguagem. Normand cita Saussure ocasião em que ele mesmo diz ‘eu vejo a enormidade do trabalho que se faz necessário para mostrar ao linguista o que ele faz, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; ao mesmo tempo, a grande variedade de tudo o que se pode enfim fazer na linguística.’ (NORMAND, 2009, p. 27)

Normand (2009, p. 118) aponta que o *Curso de Linguística Geral* foi tido como um texto fundamental, principalmente para a continuidade

da gramática comparada e por ser considerado um trabalho comparatista. Segundo a autora, isso é confirmado por J. C. Milner que garantia ser o *Curso de Linguística Geral* um fornecedor de uma epistemologia que a gramática comparada necessitava. Além disso, tinha-se Saussure como preparador de Chomsky que desenvolveria a formalização, cujos princípios foram propostos no *Curso de Linguística Geral*. Menciona também que o trabalho epistemológico de Saussure ultrapassa seu objetivo explícito (retificar a terminologia) e tende a dar base a uma via completamente filosófica da linguagem. Para a autora, pesquisas filosóficas e epistemológicas se encontram no *corpus* saussuriano, relevando interrogações radicais sobre a unidade ou identidade linguística, sobre o signo.

2.2. Signo linguístico: a língua não é uma nomenclatura

É sabido que muito se tem discutido, escrito sobre a obra de Saussure. Considerando o não acabamento dos estudos e discussões sobre esse teórico, incluímo-nos nessa vereda com o propósito de registrar, mesmo que parafrasticamente, nossa leitura sobre aspectos significativos da teoria saussuriana. Dentre tantos, não menos importantes, nos reportamos aqui sobre a natureza do signo linguístico que intitula o capítulo I do *Curso de Linguística Geral*. Nota-se que a língua não deve ser vista como uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. Além disso, reforça-se o pressuposto de que a língua não é uma nomenclatura.

Segundo Saussure (2006, p. 80), o signo linguístico une não só uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O autor conserva o termo signo para designar o total e a substituir conceito por significado e imagem acústica por significante. Como se vê, conceito e imagem acústica se reclamam. Acrescenta o autor que o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco mesmo ou recitar um poema. Dessa forma, tem-se o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces: conceito e imagem acústica.

Considerando o parágrafo anterior, os organizadores do *Curso de Linguística Geral* (em nota, página 80) afirmam ser a imagem acústica a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala. Recomendam retomar a página 21 do *Curso de Linguística Geral* para acrescentar que é pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes que se formam as

marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. Tem-se, nessa perspectiva, um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade e que cada cérebro tem um sistema gramatical e, ademais, a língua não está completa em nenhum e que só na massa ela se plenifica.

Ainda sobre o signo linguístico convém mencionar os princípios da arbitrariedade e da linearidade. Segundo Saussure (2006, p. 82), a arbitrariedade do signo não é contestada por ninguém e esse princípio domina a linguística da língua e suas consequências são inúmeras. O autor adverte que a palavra arbitrário não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (... não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

No que se refere à arbitrariedade do signo, Saussure (2006, p.152) reconhece que apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária e que outra é relativamente motivada. O autor exemplifica dizendo que vinte é imotivado o que não acontece com dezenove, visto que é a junção de dez mais nove, portanto, relativamente motivado. E alerta que dez e nove, isoladamente, são imotivados tanto quanto vinte. Acrescenta também que a noção de relativamente motivado implica a análise do termo dado (relação sintagmática) e a evocação de um ou de vários termos (relação associativa).

Saussure antecipa possíveis objeções que poderiam ser feitas a este primeiro princípio: 1ª) o contraditor se poderia apoiar nas onomatopeias para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Ele mesmo desabona essa ideia ao afirmar que as onomatopeias não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Menciona ainda que mesmo as onomatopeias autênticas (glu-glu, tic-tac) não passam de imitações aproximadas e, em certo modo, um ruído.

2ª) As exclamações, (próximas das onomatopeias) dão lugar a observações análogas e poderiam constituir ameaça a tese do autor, que sabidamente antecipa uma resposta dizendo “as onomatopeias e as exclamações são de importância secundária, e sua origem em parte é contestável”. (SAUSSURE, 2006, p. 83)

O segundo princípio é o caráter linear do significante e está para as relações sintagmáticas e relações associativas. Essas relações são retomadas no capítulo V do *Curso de Linguística Geral* de forma mais ex-

pansivas. Saussure (2006, p. 142-143) argumenta que, no discurso, os termos estabelecem um encadeamento de base linear, ou seja, um após outro, denominados sintagmas. Os sintagmas compõem-se de duas ou mais unidades consecutivas como em *re-ler*, *Deus é bom*. Explica o autor que colocado num sintagma, o termo adquire valor pela oposição ao seu antecessor e ao seu sucessor, ou ainda a ambos. Acrescenta que a relação sintagmática existe *in praesentia*. Já nas relações associativas, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e formam grupos de relações muito diversas (*enseignement/enseigner* etc.). Tem-se, assim, uma relação associativa unindo termos *in absentia*. Nessa esteira de informes, Saussure (2006, p. 145) ressalta que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual.

Outra questão inerente ao signo diz respeito à imutabilidade e à mutabilidade. Quanto à imutabilidade, Saussure afirma que, se com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre, é imposto. Lembra o autor: “nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia substituído por outro. Este fato, que parece encerrar uma contradição, poderia ser chamado de a “carta forçada”. Diz-se à língua: “Escolhe!”, mas acrescenta-se: “O signo será este, não outro.” (SAUSSURE, 2006, p. 85)

Vê-se que a língua nos é dada como herança e que as modificações da língua não estão ligadas à sucessão de gerações que, longe de se sobrepor umas às outras, como as gavetas de um móvel, se mesclam e interpenetram e contém cada uma indivíduos de todas as idades. (SAUSSURE, 2006, p. 86). O autor destaca que o caráter arbitrário do signo faz-se admitir a possibilidade teórica de mudança e acrescenta que “a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la”.

Por outro lado, o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O autor (2006, p. 90) argumenta que uma língua é incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre significante e significado. É uma das consequências da arbitrariedade do signo. Comenta ainda que essa evolução é fatal e cita: Quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre essa missão e se torna posse de todos, foge-lhe o controle. [...] o tempo altera todas as coisas; não existe

razão para que a língua escape a essa lei universal.” (SAUSSURE, 2006, p. 91).

Para Saussure (2006, p. 92), a língua é a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender. Argumenta também que é preciso uma massa falante para que a língua exista, pois sendo a língua um fenômeno semiológico, ela não existe fora do fato social. Registra que o fator tempo permite às forças sociais atuarem sobre a língua, portanto, ela não é tão livre. Tem-se, assim, o princípio da continuidade. A esse respeito, Saussure argumenta que: A língua não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio da continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações (SAUSSURE, 2006, p. 93).

Corroborando a ideia de que a língua não é a fala em Saussure, Normand (2009, p. 55-57) assevera que a língua é o que se permite falar e que esse conceito de *língua* não é mais uma função, mas um funcionamento, aquele que, em cada caso específico, opera em uma comunidade dada. Adiciona a autora que o termo *língua*, conjunto de elementos que só pode ser estudado em sincronia, tem suas condições de existência sociais, mas é o seu modo de funcionamento que interessa ao linguista-gramático.

Normand (2009, p. 139) acrescenta que os signos constituintes da língua são sentido e formas materiais postos em circulação na sociedade, esta os transforma, os altera, suprime alguns e produz outros novos. As mudanças ocorridas no uso social dos signos comprovam o caráter arbitrário dos signos. Destaca que a imbricação entre o social e arbitrário está bem presente no *Curso de Linguística Geral*, mas pouco notada devido ao estruturalismo ter acentuado o caráter estático da língua. Afirma que a força dessa circulação dos signos (em Saussure, vida semiológica) mesmo numa língua artificial não escaparia à mobilidade, conforme citação do *Curso de Linguística Geral*, trazida por Normand (2009, p. 140):

Aquele que cria uma língua artificial, a tem em mãos enquanto ela não é posta em circulação; mas desde o instante em que ela desempenha sua missão e se torna propriedade de todo mundo, o controle escapa. O esperanto é uma tentativa desse gênero, se tivesse êxito escaparia à lei fatal? Passado o primeiro momento, a língua entraria muito provavelmente em sua “vida semiológica”; ela se transmitirá através de leis que nada têm em comum com a criação refletida, e não se poderá mais voltar atrás. (111)

À guisa de sumarização dessa seção, podemos depreender que o signo é signo porque significa. A semiologia, ciência que estuda a vida dos signos, é notadamente relevante em Saussure. A língua é um sistema de signos que exprimem ideias. Os signos linguísticos unem não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Tudo é arbitrário na língua porque não tem uma causalidade. Vê-se que a teoria saussuriana do signo não pode ser separada da teoria do valor que, por sua vez, se liga ao princípio da arbitrariedade.

2.3. O valor linguístico: ampliando horizontes

No campo da linguística saussuriana, um dos pontos relevantes é o que trata da teoria do valor. Considerando a complexidade em torno do valor linguístico em Saussure, passamos a releitura do assunto.

Saussure (2006, p. 130-131) assevera que a língua é um sistema de valores puros e que se devem considerar dois elementos que fazem parte do jogo de seu funcionamento, a saber: as ideias e os sons. Acrescenta que filósofos e linguistas reconhecem que, sem os recursos dos signos, fica incapaz de distinguir duas ideias de modo claro e constante. Informa que o papel característico da língua é servir de intermediário entre o pensamento e o som em condições tais que conduza a delimitações recíprocas de unidades. Para tanto, o autor chama a língua de o domínio das articulações, ou seja, “cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e se torna um signo de uma ideia.” (SAUSSURE, 2006, p. 131). Lembra que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico e que a coletividade é necessária para estabelecer os valores de forma consensual; já o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um valor que seja.

Para ilustrar a noção de valor, Saussure (2006, p. 95) faz uma comparação entre as políticas econômica e a linguística. “Nas duas ciências, trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significante e um significado”. Destaca que todas as ciências deveriam se interessar pelos eixos das simultaneidades (concernentes às relações de coisas coexistentes, de onde toda a intervenção do tempo se exclui) e das sucessões (sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações).

Saussure (2006, p. 95-96) menciona que, para a ciência que trabalha com valores, a distinção é uma necessidade absoluta e prática. Já para a linguística, tal distinção é fundamental visto que a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos. Diante disso, apresenta a ideia de se estudar a língua seguindo os dois eixos dada à complexidade. Conforme o genebrino, a multiplicidade dos signos impede de estudá-los, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema. Ele sente a necessidade de distinção em duas linguísticas. Chama, então, os termos evolução e linguística evolutiva e, por oposição, pode-se falar da ciência dos estados da língua ou linguística estática. Nomina essa oposição de linguística sincrônica e linguística diacrônica. Esclarecendo que é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência e diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.

Saussure (2006, p. 125), no capítulo III do *Curso de Linguística Geral*, alerta que, em linguística estática, qualquer noção primordial depende diretamente da ideia que se faça da unidade e se confunde inclusive com ela. Ele faz um questionamento “Que é uma identidade sincrônica? e responde que mesmo se uma unidade/palavra seja usada com sentido negativo “*pas*” em “*je ne sais pas*” (eu não sei) e “*ne dites pas cela*” (não diga isso), embora tenham a mesma significação não é o bastante essa afirmação. Explica o autor se a correspondência das porções fônicas e dos conceitos provam a identidade e a recíproca não é verdadeira, podendo haver identidade sem tal correspondência. Acrescenta que o uso da palavra “Senhores” numa conferência repetidas vezes com entoação diferente pode-se ter aí uma identidade; mesmo sabendo que em semântica “senhores” em usos diferentes não há identidade absoluta. Enfatiza o autor que “cada vez que emprego a palavra ‘senhores’, eu lhes renovo a matéria; é um novo ato fônico e um novo ato psicológico” (SAUSSURE, 2006, p. 126).

Ao questionar sobre o que é uma realidade sincrônica e elementos abstratos da língua, o autor menciona que a linguística trabalha com conceitos “forjados” pelos gramáticos e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. O autor adverte que “nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente” (SAUSSURE, 2006, p. 128). Essa discussão implica a noção de valor em Saussure.

Prosseguindo nossa reflexão, percebemos uma abordagem um tanto quanto metodológica do autor. Ele apresenta o valor linguístico considerando três aspectos, a saber: a) conceitual, b) material e c) total.

Quanto ao valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual, Saussure (2006, p. 132-133) argumenta que, quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se na propriedade que ela tem de representar uma ideia. Ao indagar se valor e significação são sinônimos, o autor assevera que não e admite a complexidade dessa questão. Para ele, o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui certamente um elemento da significação. Depreendemos daí que valor e significação não se excluem, mas que há um imbricamento de dependência.

O autor destaca que dois fatores são necessários para a existência de um valor, a saber: a) ser constituído por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; b) por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa. Nesse prisma conceitual, sentimos a necessidade da citação a seguir, a título de ilustração sobre o valor exposto pelo linguista suíço.

Alguns exemplos mostrarão que é de fato assim. O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro*, se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (SAUSSURE, 2006, p. 134).

Como se vê, os termos *carneiro* (português), *sheep* (inglês) e *mouton* (francês) estão para o animal; ao passo que *mutton*, do inglês, está para a carne de carneiro pronta para servir como alimento. Portanto, o termo inglês difere no interior da língua não equivalendo aos termos do francês e do português.

O próprio Saussure (2006, p. 135) adiciona que o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol”. Com isso, podemos dizer que o valor só se constitui nas relações e, segundo Saussure (2006, p. 136), sua característica mais exata é ser o que os outros não são.

No que se refere ao valor linguístico considerado em seu aspecto material, Saussure (2006, p. 137) assevera que o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir es-

sa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação. Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros em que cada uma forma uma unidade delimitada e perfeitamente determinada e não confundíveis entre si. Tem-se, assim, os fonemas como entidades opositivas, relativas e negativas. Segundo o autor, os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t* e o som que ela designa; o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever *t* de várias formas desde que, na escrita, não se confunda o signo do *l* e do *d*.

O linguista suíço destaca que os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, sendo que o signo gráfico é arbitrário e sua importância se dá dentro dos limites impostos pelo sistema. Ademais, o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema.

Saussure (2006, p. 139), ao tratar do signo considerando sua totalidade, reforça a ideia de que tudo na língua é diferenças. No que se refere ao significado e ao significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico e sim diferenças conceituais e fônicas do próprio sistema. Sobre isso, afirma o autor:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; pois o próprio da instituição bilingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 2006, p. 139-140).

Em consonância com Saussure no que tange a questão do valor, Normand (2009, p. 159) reforça que as relações constitutivas do signo, implicam a combinação de significante e significado que conduz ao termo significação. Acrescenta que essa relação não deixa de ser, enquanto constitutiva do signo, a contrapartida de termos coexistentes na língua. A autora também ressalta que falar de valor implica abordar léxico e gramática e que o conceito de valor e sua ligação com o de diferença definem, para Saussure, a verdadeira natureza da língua e o conteúdo do termo sistema.

Saussure (2006) afirma que o que é verdadeiro do valor é também da unidade. Para ele, na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a

característica, como faz o valor e a unidade. Com isso, reforça a ideia de que a língua é uma forma e não uma substância. Logo, no uso dos signos da língua se aciona o processo valorativo, visto que o sujeito falante utiliza os signos na sua totalidade.

3. *Considerações finais*

O exercício ora findo, na verdade, é mais uma leitura da obra *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure. No conjunto da obra, por uma questão metodológica, sentimos a necessidade de um recorte elegendo dois aspectos também basilares da teoria saussuriana: o signo linguístico e o valor linguístico. Acrescentamos que toda vez que se lê Saussure é uma oportunidade de ampliar conhecimento sobre a língua, sobre a linguagem e sobre a própria teoria linguística. Por vezes, a leitura atenta do *Curso de Linguística Geral*, salvo engano, é negligenciada nos cursos de letras e isso nos mostra o quanto se perde da abordagem linguística que nos legou o teórico genebrino.

Considerando a complexidade que abarca os estudos da linguagem, Saussure e o *Curso de Linguística Geral* devem ser pauta para a teoria linguística na contemporaneidade, mesmo quando pontos divergentes constituem núcleos de discussões. É sabido que Saussure influenciou e influencia várias áreas de diferentes ciências, como a antropologia, a filosofia, a psicologia e a psicanálise e a própria linguística. Não é demais dizer que ainda hoje os problemas da linguística geral esperam solução.

Fazemos coro a Normand (2009) quando ela alerta que buscar a última palavra de uma teoria e a verdade de um pensamento em Saussure é melhor renunciá-lo. Isso permite dizer que a leitura de Saussure sempre será um ponto de partida e não de chegada, mas que o leitor atento jamais sai ileso dos debates propostos por esse linguista.

A pergunta inicial desse texto nos parece respondida ao longo do próprio trabalho pela gama de informações obtidas nesse percurso. Ficamos que a língua é um sistema de signos que exprimem ideias. Os signos linguísticos nem uma coisa e um nome, mas um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante). Em torno do signo linguístico gravita a questão da arbitrariedade, da linearidade, da imutabilidade e da mutabilidade. Saussure (2006, p. 130-131) assevera que a língua é um sistema de valores puros e que se devem considerar dois elementos que fazem parte do jogo de seu funcionamento, a saber: as ideias e os sons.

Normand (2009, p. 139) acrescenta que os signos constituintes da língua são sentido e formas materiais postos em circulação na sociedade, esta os transforma, os altera, suprime alguns e produz outros novos.

Para Saussure, o valor linguístico envolve três aspectos: o conceitual, o material e sua totalidade como descrito no corpo desse artigo. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A língua é um sistema de valores e estes só se constituem nas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLOMBAT, B; FOURNIER, J-M; PUECH, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010. [Questão 6– *Quelles ont été historiquement les réceptions du Cours de linguistique générale de Saussure?*]

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação liberdade, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.